

# Atitudes

Estro. Começo a disfarçar,  
A fingir que estou bem — muito à vontade...  
Mas a verdade é que não sei como hei de estar,  
E não sei occultar que esta é que é a verdade!

Tôem-me fora. E fora, o vento, em seu lambeo,  
Afasta-me, embeluda-me, adormenta-me.  
Quasi me sinto bem, todo envolto em sofrimento,  
E o prazer de sofrer tenta-me:

Ah! que bom estar só, posto de lado,  
Ter sob a chuva, agarrar frio, engulir fome, ver a êrnia,  
Deser! chegar cansado e calumbiado...!  
E desato a chorar sobre mim mesmo.

Choro na noite longa e lóbrega, beassido  
Como um menino sou ao abrir da porta... Mas consigo,  
Consolo-me em sentir-me incompreendido,  
Porque o menino nem é mau nem merecia um tal castigo...

Soubo-me um rei no exílio, um príncipe encastado,  
Um máxer-bruxo, um poeta-doido, um Cristo nu na cruz.  
Em poemas de terror prego aos peixinhos o meu fado...  
E entrego em lodo os meus pés nus!

Corro, entretanto, os salões,  
Passo intangível, roado, ante o furor deles e delas,  
Sofro, ironicamente, obscenidades e empurrações,  
Sento-me, buste até à morte, a olhar os vidros das janelas...

Que lindo deve ser passear lá fora sob a lua!...  
Compreendo bem que o meu lugar é sempre fora.  
E a fingir que não sou forçado a ir p'r'a lua,  
Amavelmente me despeço e me desculpo de ir embora.

Faca, o silêncio cai, profundo,  
E agonia-me todo da vertigem do Sublime.  
Sinto, dentro de mim, surgir todo o <sup>meu</sup> mundo...  
Mas o meu mundo — eis o meu crime!

Pois terminando só por onde tinha começado,  
Eu descobri que eu — sou eu,  
Mas sem me ter completado  
Nesta ficção que me viveu.

José Régio

Artistas

José Régio